

Simplificação textual: operações em sequências transfrásicas¹

Ana Sousa Martins

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Abstract

This paper describes two types of rewriting processes used in the production of reading materials for learners of Portuguese L2, namely (i) processes involved in reshaping propositional content and (ii) processes that change the uttering frame of a sequence. It is argued that those processes are reproducible. This assumption is based in the description of both grammatical features of Portuguese and universal properties deemed to minimize costs in comprehension. Text-type features are also considered.

Keywords: rewriting, simplification, text, readability, acquisition, second language

Palavras-chave: retextualização, simplificação, texto, lisibilidade, aquisição, língua segunda

1. Introdução

O presente artigo tem por objectivo apresentar dois tipos de operações de simplificação – operações incidentes sobre a realização de conteúdo proposicional e operações incidentes sobre alteração do quadro enunciativo – com aplicação na produção de materiais de leitura em português língua segunda (PL2).

Defende-se que tais operações podem ser reproduzíveis. Esta assunção resulta de um trabalho extenso por nós realizado de retextualização de três obras originais, três relatos de viagem contemporâneos, no decurso do projecto de investigação em aquisição de L2, *Processos de retextualização — textos modificados para leitura extensiva em português L2*². Este projecto tem como fim último determinar se as alterações na textualização influenciam a aquisição lexical, quer quantitativamente (número de lemas

Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2012, pp. 437-450, ISBN 978-989-97440-1-1.

¹ O presente artigo decorre do trabalho realizado no âmbito do projecto de pós-doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia - Ref. SFRH / BPD / 40498 / 2007.

² Ver resumo em <http://www.prof2000.pt/users/anamartins/ResumoPosDoc.html>

adquiridos), quer qualitativamente (recuperação activa, recuperação passiva, reconhecimento activo, reconhecimento passivo), quer tipologicamente (significação concreta *vs.* abstracta, classe e proeminência textual da palavra).

O indicador de dificuldade que nortearam as retextualizações ateve-se ao cálculo do número de lemas: uma retextualização tem 700 lemas, outra tem 1000 e outra tem 1300³. A regulação do tipo e número de lemas foi feita através da anotação dos lemas relativos a cada retextualização, apurados através do Wordsmith⁴, em base de dados disponível *online* (VOCLER).⁵

As retextualizações estão concluídas e acessíveis *online*, em versão multimédia (cada página HTML integra um ficheiro áudio de leitura da porção de texto respectivo e as palavras avaliadas como desconhecidas são glosadas em link, através de texto, imagem e texto-imagem)⁶ e foram realizados testes prévios de compreensão de sequências e de vocabulário, (com recurso a estatística descritiva) a 40 alunos dos níveis A2 e B1, com vista a obter a garantia mínima de o texto simplificado se ter mantido abaixo do limite de tolerância à leitura extensiva por parte dos aprendentes daqueles níveis⁷.

Apesar da popularidade da prática de simplificação textual, para o inglês e outras línguas, inclusivamente românicas, a investigação sobre as propriedades linguísticas do texto simplificado é recente e escassa. No que ao inglês L2 diz respeito, verifica-se que a maioria das simplificações são elaboradas com base na intuição e experiência de ensino dos seus autores e, quando assim não acontece, são os editores a fornecerem as linhas orientadoras de procedimentos gerais a observar.

Para o PL2 (europeu ou brasileiro) não é do nosso conhecimento que exista alguma série de versões simplificadas de obras originais, literárias ou não literárias. O estudo

³ Desconhece-se, para o português, a existência de alguma investigação específica sobre o tipo e tamanho de vocabulário suficiente para ocorrerem inferências correctas sobre o sentido de palavras aquando do processo de leitura. O apuramento da margem 700-1300 lemas, contagem que exclui lemas glosados em link (com uma variação entre 100 e 230 lemas glosados), levou em conta os seguintes dados: (i) as séries de edição dos Graded Readers têm uma flutuação considerável no que toca à contagem de *headwords*, há entre quatro a oito níveis de vocabulário, sendo que os níveis mais baixos variam entre 300 e 650 itens e os níveis mais altos podem apresentar uma diferença entre 1800 e 3200 itens; (ii) para o espanhol, Gisbert (2001) apurou o valor de 1012 lemas para o nível inicial e 2083 lemas para o nível intermédio; (iii) para o português, Leiria (2001), através da análise de produções escritas de alunos com pelo menos 6 meses de aprendizagem formal na FLUL, conseguiu chegar a uma variação entre 1200 a 1500 lemas, cobrindo um grande número de temas de escrita.

⁴ <http://www.lexically.net/wordsmith/>

⁵ <http://users.janssenweb.com/anamartins/?page=vocab&text=1&show=full> (anotação ainda em curso).

⁶ São essas obras: *No Dorso do Dragão*, de Cláudia Ribeiro: <http://users.janssenweb.com/anamartins/nodorsododragao/> (1000 lemas); *A Mais Alta Solidão*, de João Garcia (700 lemas): <http://users.janssenweb.com/anamartins/altasolidao/> e *Planisfério Pessoal*, de Gonçalo Cadilhe (1300 lemas): <http://users.janssenweb.com/anamartins/planpes/> (o acesso é restrito, para reserva de direitos de autor das obras originais, mas pode ser obtido através do e-mail anamartins@mail.prof2000.pt).

⁷ Ver resultados em <http://www.prof2000.pt/users/anamartins/testagem-2011.pdf>

das características de sequências discursivas de elevada lisibilidade para uma língua em que essa prática (ainda) não se iniciou justifica-se na medida em que se trata de processos que necessariamente são activados não apenas em textos para a leitura extensiva, mas para todos os textos instrucionais e explicativos em materiais de ensino e exames de PL2. É nestas circunstâncias que é defensável a pertinência do trabalho de produção regulada do objecto a analisar – o texto simplificado –, como aliás fizeram Meister e Nation 1980, 1981; Long e Nation 1980⁸, assim como a equipa de linguistas que trabalhou com Young (1999)⁹.

Após a análise de pares de sequências transfrásicas em confrontação – sequências do texto-fonte e sequências do texto simplificado correspondentes – justificar-se-á, ainda que brevemente, a possibilidade de replicação dos procedimentos activados.

2. Estado da arte

O texto simplificado define-se mediante dois propósitos: fazer aprender uma L2 e dar acesso ao aprendente dessa L2 à intenção comunicativa global do texto-fonte. Trata-se de um material de aprendizagem de L2, com uma tradição já longa, ao qual podem ser apontados vários antecedentes, mas que, apesar disso, é um fenómeno que carece de um estudo abrangente e sistemático.

2.1. Vulgarização

Os textos simplificados são muito populares para o inglês L2 europeu e pertencem hoje à indústria editorial dos materiais de ensino daquela língua: editoras prestigiadas como a Oxford University Press, a Cambridge University Press, a Penguin, a Macmillan oferecem abundantes séries de livros de leituras simplificadas para diferentes níveis (*Graded Readers*). A base de dados do *Edingurg Project on Extensive Reading*¹⁰ contava, em 1997, com 3182 títulos de livros simplificados. A extensão e diversidade de oferta pode ser atestada através da consulta das listas dos *Graded Readers*, organizadas por editora, na página da *Extensive Reading Foundation*¹¹.

Se bem que em número mais reduzido, é de assinalar alguma vulgarização da prática de produção de textos simplificados para o espanhol (desde 1987, nas editoras Edelsa, Santillana e Espasa), para o francês (Hachette- Français Langue), para o russo (Biblioteka Zlatoysta) ou para o Japonês (White Rabbit Press), por exemplo.

⁸ Nation foi co-autor de três destes textos na modalidade de produção original (pedagogic readers), no âmbito de vários estudos experimentais, com o fim de avaliar as oportunidades de acesso ao léxico potenciado por diferentes tipos de texto simplificado.

⁹ Young reporta os resultados de um estudo experimental com vista a examinar a diferença de desempenho na leitura de quatro simplificações e na leitura dos originais correspondentes. Para a produção das versões simplificadas recrutou uma equipa de linguistas e uma equipa de professores de espanhol L2.

¹⁰ <http://www.ials.ed.ac.uk/postgraduate/research/EPER.html>

¹¹ <https://sites.google.com/site/erfglist/>

Os benefícios comumente atribuídos à leitura de textos simplificados na aprendizagem de uma língua segunda são o aumento da fluência de leitura¹², através da automatização no reconhecimento de palavras, o aumento significativo do vocabulário de recepção e da consolidação de vocabulário parcialmente conhecido (Nation e Wang, 1999; Waring e Takaki, 2003), a aceleração da detecção de regularidades morfológicas e aumento da qualidade do desempenho no processamento sintáctico. Hafiz e Tudor (1989) confirmam ganhos na fluidez da leitura, correcção na produção escrita e aquisição de vocabulário. Krashen (1993) atribui também à leitura de textos simplificados reflexos positivos no desempenho da escrita, designadamente, na ortografia, estilo e domínio da gramática.

A razão por que se pressupõe que os benefícios da larga exposição a *input* compreensível escrito não poderão ter lugar através da leitura do texto original prende-se com a capacidade de processamento limitada manifestada pelo aprendente, sendo que os textos originais podem gerar sobrecarga cognitiva dada a sua complexidade lexical e sintáctica ou ainda serem conceptualmente densos ou culturalmente distantes (McLaughlin, Rossman, McLeod, B., 1983).

2.2. Origens

Os textos simplificados têm várias origens. A mais directa é a criação, logo nos anos 30, de versões simplificadas dos clássicos da literatura inglesa para as escolas e a Universidade da Índia. Mas há também a considerar a simplificação de textos para o público infantil, já com uma longa tradição.¹³ Outra ainda, com início também nos anos 30, mas com mais notórias repercussões nas décadas de 50 e 60, a vulgarização nos EUA da aplicação sistemática de princípios de simplificação textual (sobretudo pelo recurso a vocabulário de alta frequência, frases curtas, sem estruturas encaixadas, e voz activa) de textos institucionais, didácticos e jornalísticos.

2.3. Fórmulas de lisibilidade

Para a confirmação do grau de complexidade do texto, foram criadas fórmulas de lisibilidade¹⁴. As fórmulas de lisibilidade realizam uma avaliação quantitativa do texto,

¹² A leitura fluente é um desempenho particularmente importante em situações em que o aprendente está integrado num regime de ensino em que é a L2 a língua veicular.

¹³ Tradição, aliás, que tem em português autores prestigiados: Aquilino Ribeiro, *Pegrinação de Fernão Mendes Pinto*; António Sérgio, *História Trágico Marítima*; João de Barros, *Os Lusíadas*; Amélia Pinto Pais, *Os Lusíadas*; Luísa Ducla Soares, *Seis contos de Eça de Queirós* – são alguns exemplos.

¹⁴ A primeira fórmula de lisibilidade foi criada por Bertha A. Lively and Sidney L. Pressey em 1929; a fórmula de maior sucesso foi o Flesch Reading Ease Score (1948); também para outras línguas começaram a ser usadas fórmulas: SMOG Grading Formula (1969); para o alemão, o Lix (1968); para o espanhol, a Fórmula de Lecturabilidad de Fernández-Huerta (1959); para o português do Brasil há o TextMeter que é uma adaptação da tabela de índices de Flesch.

resultante numa pontuação, fundada, basicamente, na extensão da frase, em número de palavras, e na extensão da palavra, em número de sílabas, por frase. Procura-se assim determinar o grau de facilidade de leitura que um dado texto oferecia ao público em geral.

Vários estudos – Davison e Kantor (1982), Bernhardt (1984), Coady (1993), Carver (1994) – demonstram a falibilidade destas fórmulas, revelando, por exemplo, que frases com pontuação aproximada nas fórmulas apresentam índices de complexidade estrutural muito diferenciados; ou, ainda, revelam que palavras polissilábicas são plenamente acessíveis, porque de alta frequência, e que monossílabos, deícticos ou preposições, podem ser de referência inacessível para o leitor.

2.4. Propriedades gramaticais e discursivas

Apesar da radicação da prática da simplificação, a investigação sistemática e de larga escala, apoiada em estudos empíricos abrangentes, sobre as propriedades linguísticas do texto simplificado é escassa. De facto, Crossley et al. (2007) descrevem o seu trabalho como o primeiro estudo quantitativo abrangente sobre as características sintácticas e de estruturação textual (coesão lexical, interfrásica e subfrásica), através da aplicação informática Coh-Metrix¹⁵. Allan (2009) apresenta o estudo sobre a distribuição e uso das orações relativas em textos noticiosos simplificados como sendo a primeira análise até à data efectuada sobre as propriedades linguísticas das simplificações de textos informativos.

À falta de uma descrição e análise dos procedimentos linguísticos mais rentáveis a empreender, as editoras das séries dos *Graded Readers* tomaram a seu cargo a tarefa de determinar as linhas orientadoras para a redacção de textos simplificados. Estas orientações serviram de base a Simensen (1987) para o levantamento de preceitos gerais de redacção de textos simplificados. O autor analisa as recomendações das editoras¹⁶ como meio de chegar às características efectivas dos textos simplificados.

A metodologia de retextualização apresentada pelas editoras aos seus autores inclui a observação de listas graduadas de palavras e listas graduadas de itens gramaticais, com particular destaque para os tempos verbais, um dos tópicos tratados com maior consistência, para além de recomendações quanto ao tamanho e estrutura da frase, especificamente no que toca à subordinação, e ainda sobre o tipo de conexões entre frases.¹⁷

¹⁵ Ver também Crossley e MacNamara (2008); Graesser et al. (2008).

¹⁶ As editoras visadas são a Collins, Grafisk Forlag, Heinemann, Longman, Macmillan e Oxford.

¹⁷ Ver, a título de exemplo, http://www.pearson.ch/download/PR_Teacher_Support_Guide_Ch.pdf (consultado a 7 de Janeiro de 2012)

Porém, o que parece dominar é uma abordagem intuitiva da retextualização (Young, 1999;). Simensen também o tinha sugerido¹⁸. Isso acontece porque muitos autores acham essas listas demasiado rígidas, porque o próprio universo de discurso do texto-fonte exige a inclusão de vocabulário específico externo a essas listas.

É fácil prever então que os estudos sobre textos elaborados com base na intuição e experiência individual hão-de produzir sempre resultados não totalmente generalizáveis.

Das recomendações avançadas pelos editores sobressai a condenação da condensação abusiva de informação. Simensen (1987) destaca a editora Longman que instiga à implementação de práticas que evitem a simples sinopse da acção do texto-fonte, que tenta a todo o custo condensar o máximo de informação de um texto longo num espaço de texto bastante mais curto. Aliás o factor principal de avaliação negativa dos textos simplificados é exactamente a incapacidade de o autor da versão simplificada recriar fielmente a acção do texto-fonte e ao mesmo tempo criar um novo texto, de *pleno direito*, com a sua própria estrutura, ritmo e configuração: “One incident follows another in *staccato* style and nothing stands out. Vitality is lost. The characters are defleshed and even de-boned. Scenery is rubbed out. The concerns and interests of the original author are forgotten.” (Hill, 1997: 60).

A partir daqui é fácil lançar os desígnios da configuração discursiva do texto simplificado, que não se hão-de afastar dos padrões de textualidade que presidem à produção de um qualquer texto. Um texto com um desenvolvimento tópico *natural*, com gestão pertinente da dimensionalização discursiva, com um grau de redundância funcional, com uma estruturação marcada por marcadores de coerência causal, temporal e referencial.

2.5. Pressupostos gerais

Do que fica dito é possível apurar os pressupostos fundamentais relativos à simplificação textual para leitura extensiva em L2: a retextualização não concorre nunca com o texto-fonte, não é uma recodificação do texto-fonte; a retextualização visa a consolidação e aquisição de novos itens; a retextualização fundamenta a sua razão de ser na assunção de que a aquisição de uma língua deve ser incremental e respeitar estádios de aquisição.

3. Descrição das operações efectuadas

Uma das questões de investigação que presidiram ao estudo que levamos a cabo é saber quais são, de entre a multiplicidade de opções de simplificação de um mesmo

¹⁸ “Probably most adapted readers are adapted on the bass of intuition or assumptions about the two questions above [1. What is considered difficult for learners at a specific level?; 2. What is considered easier?](p. 43)

segmento de texto-fonte, as operações que, por um lado, não transpõem o limiar de dificuldade calculado para o nível intermédio de aprendizagem de português L2 e que, por outro, colocam o aprendente em contacto com um material que potencia a aquisição de novos itens. Deste modo, uma parte do trabalho realizado ateve-se à descrição das operações de retextualização e, cumulativamente, a apurar os indicadores que suportam a previsão do grau de conforto de leitura de um qualquer texto destinado a aprendentes do nível intermédio.

No processo de produção das versões simplificadas das obras indicadas cada sequência é laboriosamente construída para activar um agregado de interfaces. Presidem a esse processo as operações de: (i) *supressão*, exigida pela necessidade de controlo da informação, controlo de idiomatismos, de redução de domínios lexicais e de estruturas oracionais; (ii) *substituição*, em que as estruturas substituintes observam os critérios da frequência na língua e da ordem dos constituintes na frase, minimizam as construções de encaixe, e reforçam as dependências referenciais intra e interfrásicas; (iii) *repetição*, sendo exploradas as propriedades de redundância natural do discurso, em procedimentos de reincidência lexical, sintáctica, morfológica e semântica; e (iv) *reconstrução textual*, em que todas as operações sumariamente descritas acima actuam por efeito de dominó e exigem uma recodificação proposicional e uma nova conectividade lógica.

Neste artigo, detemo-nos nas soluções de realização de conteúdo proposicional, *operadas sobre* ou *resultantes em* mais do que uma frase, (3.1.), e nas operações incidentes sobre alteração do quadro enunciativo (3.2.). Por fim, justificar-se-á a assunção de que estes dois tipos de processos podem ser replicáveis.

3.1. Operações incidentes sobre a realização de conteúdo proposicional

Apesar da segmentação proposta, segundo a qual daremos conta primordialmente de operações sintácticas realizadas aquando da construção das versões simplificadas, os exemplos de retextualização seleccionados para este artigo, porque retirados de um todo textual, autónomo e válido comunicativamente por si mesmo, acusam factores discursivos e pragmáticos, a saber, a explicitação da conectividade interfásica/interaccional, a atribuição de foco e distribuição de tópicos e o atendimento à carga inferencial colocada no leitor, pela realização discursiva de implicaturas. Patenteiam também manipulações motivadas por substituição lexical.

Considerámos, ainda que apenas parcialmente, então, o trabalho de Costa (2005) sobre a descrição dos indicadores de complexidade estrutural relevantes para o processamento de frases simples e complexas. É certo que os experimentos aí reportados são feitos com falantes nativos, em que a alta frequência de padrões de distribuição funciona como condição favorável ao processamento. Mas se assim é, então, é lícito prever que a manipulação da forma dos dados de *input* escrito em

conformidade com a alta frequência desses padrões vá ao encontro da habilidade de os aprendentes de L2 atingirem generalizações, de modo a que mais tarde funcionem como condições favoráveis de processamento.

Sumariamente, as soluções de reformatação proposicional recorrentes no trabalho de retextualização efectuado foram: a ordem SVO; os SNs animados; a constância de tópico, pela retoma repetida da entidade mais proeminente na primeira frase de uma sequência ou micro-sequência; a realização lexical de categorias vazias, quando ela é opcional; as construções com traços de transitividade (papel de agente para o SN SU, telicidade do verbo e grau de afectação do objecto); a minimização de estruturas encaixadas; e a preferência por construções de coordenação em detrimento das de subordinação.

Considerem-se os exemplos que a seguir se apresentam.

(1) «(...) e perguntou se me podia contar uma história indiana. Era acerca de uma rapariga nova e bonita a quem o pai só daria em casamento ao homem que conseguisse matar uma serpente venenosa e colocá-la à volta do pescoço da filha.» (Ribeiro, 2001: 62)

(1 a) «A seguir, perguntou se me podia contar uma história indiana. Era uma história sobre uma rapariga nova e bonita. O seu pai dava-a em casamento, mas, antes, o futuro noivo tinha de matar uma cobra venenosa e colocá-la à volta do pescoço da rapariga.» (retextualização)

Em (1), os indicadores de complexidade estrutural estão nas duas relativas da segunda frase, com a particularidade de “a quem” e “ao homem” referirem a mesma entidade. Prevê-se que esta duplicação, que aliás introduz uma estrutura precária na sequência, acarrete custos na compreensão.

Na retextualização, (1 a) elimina-se a primeira relativa pela adição de nova frase com estrutura de coordenação em que a expressão da condição é dada pela conjunção e pelo adverbial: “mas, antes”. A realização lexical em “uma história”, como co-referente do SN OD da frase antecedente é o procedimento mais recorrente que assegura os mais baixos custos de processamento. Mas já o SN SU “o futuro noivo” exige a activação do conhecimento situacional/*script*: (i) *casamento* é um acto público que tem como actores *um noivo* e *uma noiva*; (ii) o modificador “futuro” é factor de coerência no momento em que, cumulativamente, “dar em casamento” é interpretado como uma acção cuja realização depende de uma condição, a efectivar-se num intervalo de tempo posterior ao acto compromissivo *dizer que dá em casamento*.

(2) «Toda a nossa visita a Chengdu foi sendo entremeada por exasperantes esperas no aeroporto da cidade.» (Ribeiro, 2001: 290)

(2 a) «Durante toda a nossa visita a Chengdu, fizemos várias tentativas para sair da cidade. Uma e outra vez, esperámos durante horas e horas no aeroporto. Era um desespero.» (retextualização)

A retextualização em (2 a) suprime a construção passiva com constituintes realizados por SNs cujos núcleos são nomes deverbais, em (2). A estrutura substituinte é uma construção com traços de transitividade, porque, apesar de se recorrer a verbo leve “fazer tentativas”, ele mantém a grelha argumental de verbo pleno. Depois, a função de agente torna-se acessível pela acumulação de pistas gramaticais, em “nossa” – “fizemos” – “esperámos”. Opta-se pelo padrão mais frequente, que é aquele em que a frase, em arranque de parágrafo, como é o caso, se inicia por uma expressão com informação temporal e que se conclui com informação espacial. A expressão da duratividade fica a cargo do redobro – “horas e horas”/“uma e outra vez” e da determinação *várias* que lhe agrega o valor de iteração. Perde-se, no entanto, o valor de visão prospectiva de “foram sendo entremeadas”.

(3) «Antes de lá me ter deslocado, o meu acesso à China reduzia-se igualmente a alheios relatos e livros.» (Ribeiro, 2001, p.12)

(3 a) «Antes de ter ido viver para a China, eu também só conhecia este país através da leitura de relatos de pessoas que tinham ido até lá.» (retextualização)

Em (3 a) o recurso à forma nominativa do pronome na posição de SU, sujeito animado, é a opção alternativa a (3), em que o SN “o meu acesso” tem por núcleo um nome deverbal. Porém, a principal motivação para a alteração residiu na necessidade de substituição dos lemas de baixa frequência, a saber, “acesso”, “reduzir-se (a)”, “alheio”. Vale a pena ainda notar que a solução em (3 a) põe informação semântica e informação sintáctica em convergência, em “para a China”, e reforça a cadeia de referência com mais um co-referente, em “este país”.

(4) «Encontrei os chineses sentimentais, de lágrima pronta. Um filme melodramático comove-os, a recordação da velha mãezinha fá-los fungar e choramingam com a partida para outra cidade de um parente ou simples colega.» (Ribeiro, 2001: 24)

(4 a) «Os chineses choram por tudo e por nada, por coisas sem importância: choram a ver um filme, choram quando se lembram da mãezinha, choram quando um familiar viaja para outra cidade. Enfim, são uns sentimentais.» (retextualização)

Em (4), na primeira frase, a complexidade estrutural reside na presença de dois domínios de predicação, em que o predicador primário – o verbo “encontrar” – é usado como verbo epistémico. Na segunda frase, as três orações coordenadas exprimem causalidade, mas há variação acentuada de estrutura e, na 3.^a oração, a entidade que na primeira oração estava expressa pela forma acusativa do pronome está agora na forma nula com função de sujeito. Na sequência transformada, (4 a), recorre-se a sujeito animado em posição pré-verbal, que se mantém nas três orações.

Por último, o exemplo (5 a) ilustra a realização de SU nulo, observadas as condições gramaticais e discursivas que a legitimam.

(5) «Na altura, nem sabia bem com quem me estava a meter. O Wielicki não só tinha o objectivo de fazer os catorze «oito mil», como queria fazê-los das formas mais difíceis – por vias novas, ou de Inverno. (Garcia, 202, p. 39-49)

(5 a) «Naquela altura, eu nem sabia bem quem ele era. O Wielicki já nesse tempo tinha o objectivo de subir a todas as "oito mil". Mas não era tudo: ele queria subir a todas as oito mil por vias novas ou... de Inverno!» (retextualização)

3.2. Operações incidentes sobre alteração do quadro enunciativo

O segundo tipo de operações em foco é de ordem enunciativa. Consiste basicamente em transpor o plano enunciativo inactual, em que o ponto de perspectiva temporal coincide com um evento passado, para o plano actual, em que o ponto de perspectiva é o momento da enunciação, através da activação da deixis indicial fictiva. Entende-se por deixis indicial fictiva o recurso à deixis primária em contextos não actuais num tipo de referenciação mostrativa que, sem mediação anafórica, configura objectos e eventos situados fora da situação em que está a instância enunciativa. Formalmente, o fenómeno corresponde à atribuição das funções referenciais inerentes ao dispositivo deíctico do plano inactual ao dispositivo deíctico do plano actual. Trata-se, pois, da activação das marcas enunciativas do modo de enunciação *discurso* (Benveniste, 1962) – pessoa gramatical, tempo verbal, deícticos temporais, espaciais, operadores modais, ilocução constativa de base, predicações perceptivas, expressões referenciais não saturadas – na referenciação invocativa (Martins, 2010).

Nos exemplos 6 e 7, esta operação permite a supressão de formas de imperfeito de conjuntivo e de futuro do pretérito, assim como de estruturas de subordinação. Os custos de processamento sobre a localização temporal relativa dos eventos baixam.

(6) «Estava previsto que neste período chegassem a estar 16 expedições no Campo Base. Daí a alguns dias, este espaço ganharia a aparência de uma grande aldeia, com tendas e gente por todo o lado.» (Garcia, 2002: 126)

(6 a) Dentro de dias devem chegar mais 16 expedições! Este acampamento vai parecer-se a uma grande aldeia, com tendas e gente por todo o lado. (retextualização)

(7) «Estávamos rodeados de ameias, a mil metros de altitude. Recordo a minha desilusão com o aspecto de novinha em folha que a Muralha ali ostentava. E com a quantidade de turistas que a pisavam, só comparável à que se encontrava na Cidade Proibida. Badaling e Mutianyu são dois troços reconstruídos da Muralha, para lá dos quais não é permitido aos turistas deslocarem-se. Daí aqueles tijolos ligados a argamassa limpa, certinhos na sua uniforme cinzentude. Mas, se esquecêssemos o pormenor e nos detivéssemos na imensidão, o fascínio era inevitável.» (Ribeiro, 2001: 203)

(7 a) Estamos agora a mil metros de altitude. Não esperava encontrar aqui tantos turistas, quase tantos como na Cidade Proibida. Mas o melhor é esquecer isso agora e ficar só a olhar longamente a paisagem. É verdadeiramente fascinante! (retextualização)

O exemplo (8) mostra apenas que o recurso à deixis indicial fictiva é já uma propriedade discursiva do relato, conforme atesta o segmento do texto-fonte em “este mar que me preparo para atravessar”. De notar ainda que em (6 a) a instanciação enunciativa cumulativa ao momento do desenrolar do evento trabalha em favor da contracção textual, propulsionando o avanço da acção no texto da versão simplificada.

(8) «De Cortez, ficou apenas este mar que me preparo para atravessar. (...) A travessia demora 17 horas, e há que dormir a bordo.» (Cadilhe, 2005: 42)

(8 a) *Atravesso agora o Mar de Cortez.* (retextualização)

3.3. Processos replicáveis

Defende-se que os processos acima descritos em 3.1. e 3.2. podem ser reactivados, quer em retextualizações quer também na produção de textos-fonte dirigidos a aprendentes de português L2, por duas ordens de razões: (i) esses processos atendem a estratégias de processamento universais, como a transitividade (Hopper e Thompson, 1980), e observam as regularidades estruturais específicas do português, como a ordem

dos constituintes ou a realização/não realização de sujeito nulo; (ii) a deixis indicial fictiva é já uma propriedade do discurso narrativo pois é um dispositivo da gestão da dimensionalização textual, ou seja, da distribuição das acções referenciadas para primeiro plano ou plano de fundo.

4. Conclusão

A descrição e exemplificação de algumas operações de simplificação em sequências transfrásicas que nos propusemos fazer neste artigo exigiu uma breve apresentação do estudo mais geral de que essa descrição faz parte. Considerando as propriedades relevantes do português para o processamento de frases, atendendo aos padrões de frequência e canonicidade na língua, demos como plausível fazer predições sobre as condições potenciadoras de elevada lisibilidade.

Após este enquadramento, seguiu-se o resumo do estado da questão no que toca à origem, produção e análise dos textos simplificados para o inglês L2.

Na descrição das operações efectuadas optámos por não obliterar a menção a factores semânticos, discursivos e pragmáticos, ainda que o foco nas operações sintácticas e enunciativas se tivesse mantido. Não evitámos também, ainda que muito brevemente, fazer a avaliação dos custos de processamento das sequências retextualizadas, assim como a anotação de perdas de informação em relação à sequência-fonte.

A análise das modificações operadas na reconstrução textual mostram que nem as soluções de reformulação sintáctica, nem as soluções de ordem enunciativa podem aspirar a manter a identidade e integralidade do conteúdo comunicativo veiculado no original. Não é esse o propósito, aliás, do texto simplificado. Talvez que, por isso, os termos *simplificado* e *simplificação*, apesar de recorrentemente usados para a identificação destes textos, induzam em erro, pois podem fazer pressupor que é o texto original que é, de alguma maneira, abusivamente complicado, como se fosse possível, em qualquer circunstância, ser veiculado o mesmo conteúdo do texto original numa formulação mais simples.

Independentemente da ontologia que se venha a fixar para este tipo de produção, a partir do momento em que os princípios de boa formação frásica e que os padrões de textualidade são cumpridos, o texto simplificado cumpre a sua feição de unidade comunicativa plena. A particularidade do texto simplificado é que o fim comunicacional concorre com o propósito de fazer aprender a língua através do *input* escrito compreensível. A pertinência do estudo – e produção *técnica* – de um texto deste tipo está em que delimitar as estratégias, reguladas por princípios sintácticos, discursivos e pragmáticos de produção textual, que resultem em baixos custos de processamento para um aprendente de L2 e a, partir daí, apurar as condições para a sua replicação, evitando a mera produção intuitiva.

Referências

- Allen, D. (2009) A study of the role of relative clauses in the simplification of news texts for learners of English. *System* 37, pp. 585-599.
- Benveniste, E. (1966) *Problèmes de Linguistique Générale I*. Paris: Gallimard.
- Bernhardt, E. B. (1984) Towards an Information Processing Perspective in Foreign Language Reading. *The Modern Language Journal* 68 (4), pp. 322-331.
- Cadilhe, G. (2005) *Planisfério Pessoal*. Lisboa: Oficina do Livro.
- Carver, R. P. (1994) Percentage of unknown vocabulary words in a text as a function of the relative difficulty of the text: implications for instruction. *Journal of Reading Behaviour* 26, pp. 413-437.
- Coady, J. (1993) Research on ESL/EFL vocabulary acquisition: putting in context. In T. Huckin; M. Haynes; J. Coady (Eds.) *Second Language reading and vocabulary learning*, Norwood NJ: Ablex Publishing Corporation, pp. 3-23.
- Costa, M. A. 2005 *Processamento de frases em português europeu. Aspectos cognitivos e linguísticos implicados na compreensão da língua escrita*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Crossley, S.; Louwse, M. M.; McCarthy, P. M.; McNamara, D. S. (2007) A Linguistic analysis of simplified and authentic texts. *The Modern Language Journal* 91 (1), pp. 15-30(16).
- Crossley, S.A.; McNamara, D.S. (2008) Assessing L2 reading texts at the intermediate level: An approximate replication of Crossley, Louwse, McCarthy & McNamara (2007). *Language Teaching* 41 (3), pp. 409-429.
- Davison, A.; Kantor, R. N. (1982) On the failure of readability formulas to define readable texts: a case study from adaptations. *Reading Research Quarterly* 17 (2), pp. 187-209.
- Garcia, João (2002) *A Mais Alta Solidão. O primeiro português do cume do Evereste*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Gisbert, J. M. B. (2001) Definición de glosarios léxicos del español: niveles inicial e intermedio. *Enseñanza* 19, pp. 35-72.
- Hafiz, F.M. y Tudor, I. (1989) Extensive Reading as a Means of input to L2 Learning. *Journal of Research in Reading* (12), pp. 164-178.
- Hill, D. R. (1997) Survey review: Graded readers. *ELT Journal* 51 (1), pp. 57-81.
- Hopper, P. J. , Thompson, S. A. (1980) Transitivity in grammar and discourse. *Language* 56 (2), pp. 251-299.
- Krashen, S. (1993) *The power of reading. Insights from the research*, Englewood, CO: Libraries Unlimited.
- Leiria, I. (2001) *Léxico: aquisição e ensino do português europeu língua não materna*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Long, M.; Nation, P. (1980) *Read thru*. Singapore: Longman.

- Martins, A. (2010) *A Textualização da Viagem. Relato vs. Narração. Uma abordagem enunciativa*. Porto: U. Porto Editorial.
- McLaughlin, B., Rossman, T., & McLeod, B. (1983) Second language learning and information processing perspective. *Language Learning* 33, pp. 135-158.
- Meister, G. F.; Nation, P. (1980) *Fire on the mountain*. London: Macmillan.
- Meister, G. F.; Nation, P. (1981) *Indonesian love story*. Singapore: Longman.
- Nation, P., & Wang, M. (1999) Graded readers and vocabulary. *Reading in a Foreign Language* 12, pp. 355-380.
- Ribeiro, C. (2001) *No Dorso do Dragão. Aventuras e Desventuras de uma Portuguesa na China*. Lisboa: Europa - América.
- Simensen, A. M. (1987) Adapted Readers: How are they adapted?. *Reading in a Foreign Language* 4 (1), pp. 41-57.
- Waring, R., & Takaki, M. (2003) At what rate do learners learn and retain new vocabulary from reading a graded reader?. *Reading in a Foreign Language* 15, pp. 130-163.
- Young, D. J. (1999) Linguistic simplification of second language reading material: effective instructional practice?. *The Modern Language Journal*, 83 (3), pp. 350-366.